

JOSÉ TRAJANO

Os beneditinos

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by José Trajano

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e ilustração de capa
Sattu Rodrigues

Preparação
Fernanda Villa Nova de Mello

Revisão
Carmen T. S. Costa
Clara Diamant

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trajano, José
Os beneditinos / José Trajano. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Alfabuara, 2018.

ISBN 978-85-5652-057-9

I. Ficção brasileira I. Título.

17-11466

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 3993-7510
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/alfaguara.br
instagram.com/editora_alfaguara
twitter.com/alfaguara_br

*Para o inesquecível Eduardo Amaral (Dudu)
in memoriam*

Gostaria de agradecer aos eternos craques beneditinos Wilson Onça, Flavinho Fiuza, Luiz Cabeleira, Carlos Maura, Ivair, Salek e Marcus Aníbal. E a Lana Novikow, Rosana Miziara, Helvídio Mattos, Luara França, João Castelo Branco, Marcelo Ferroni e Octávio Costa pelas dicas e sugestões.

*O difícil não é aprofundar a solidão, é sair dela
com a vida entre os dentes.*
Aníbal Machado (*avô do craque Marcus Aníbal*)

Ando invocado!

E o que me deixa invocado é dizer que estou invocado. Ah, aí sim, fico invocado mesmo. E isso vem acontecendo com frequência. Como disse Rubem Braga, e vale para o Brasil de hoje, me sinto “*uma velha vaca atolada num brejo*”.

1

Fui um cara mais ou menos conhecido.

Quando saía de casa sempre aparecia alguém pedindo para tirar foto ou comentar alguma coisa sobre futebol.

E o Ameriquinha, hein, como vai?

Cobri várias Olimpíadas e Copas do Mundo, inclusive a de 1970, no México, quando ganhamos o tri mundial. Como escreveu Armando Nogueira, até hoje eles dão a volta olímpica no Estádio Azteca da minha infinita saudade.

Trabalhei em grandes e pequenos jornais; revistas famosas e outras que só duraram uma ou duas edições, no rádio e na televisão. Foram cinquenta e seis anos ralando. Menino de tudo, tinha dezesseis anos quando entrei pela porta da frente do *Jornal do Brasil* como repórter. Hoje, aos setenta e dois, saio pela porta dos fundos da *Voz da Mooca*, outro jornal que não deu certo.

A mocinha do RH, chorosa, devolveu minha carteira profissional dizendo que, se eu arrumasse

outro emprego, teria que tirar outra, pois não havia mais espaço para registros. Acho que não vai ser preciso, já deu o que tinha que dar. Era a terceira. Parei!

Meses atrás fiz um bico como comentarista de mesa-redonda na tevê paga. Foi o meu canto do cisne na televisão. Saí de cena.

Na volta para casa, em vez de cair nos braços da galera, como de costume, caí no esquecimento. De vez em quando ainda me param na rua, dizem que me assistiam, perguntam o que estou fazendo. *Agora sou do lar*, respondo.

Viajei mundo afora, lancei livros, ministrei palestras, dei cursos, fui curador de projetos esportivos e culturais. O esporte, o jornalismo e as mulheres sempre foram minhas maiores paixões. O que seria de mim sem elas? Mas já não faço planos. Vou empurrando a vida com a barriga.

Faz seis meses que me mudei da Vila Madalena para a Mooca. Muita gente estranhou por eu ter vendido meu charmoso apartamento e alugado este onde só cabem meus discos, livros, pôsteres e três amigos que de vez em quando vêm me visitar. Falta de grana, torcida brasileira.

Cumpro rotina: vou todos os dias à padaria, tomo café no balcão, compro pão integral, peito de peru, queijo de cabra e leite de soja zero. No supermercado escolho verduras, legumes, frutas, ovos e alguma besteirinha para colocar na geladeira.

Ah, sim, e umas garrafas de vinho português do Alentejo. O gerente já me conhece, não deixa faltar.

Passo na banca do Alex para bater papo, comprar jornal e espiar as manchetes, o que sempre me deixa de farol baixo. A banca, uma das poucas que sobraram na Zona Leste, parece o muro das lamentações, uma espécie de confessionário a céu aberto. Depois das eleições, então!

Os velhinhos da Mooca se juntam ali pelas dez da manhã. Não compram jornal nem revista, folheiam as que estão expostas e resmungam contra as lacradas. O Alex não reclama, sabe que é duro viver de aposentadoria.

A saúde já não vai numa boa. Depois do infarto, sete anos atrás, coloquei stents e a vida mudou: parei de fumar, me alimento do jeito que os doutores recomendam, diminuí a cerveja e só vez em quando encaro tira-gostos e petiscos. Mas não consigo emagrecer como gostaria. Como se diz, o que faz mal é a regra, não a exceção. Faço ginástica três vezes por semana na academia do prédio. Detesto, mas não facilito. Almoço quase sempre no vegetariano ao lado de casa. À noite, janto o que a Ismênia preparou para a semana. Ela deixa um bilhete na porta da geladeira que é para eu não me esquecer de tirar do freezer para descongelar.

Não tenho cozinhado mais. Meu risoto de camarão fazia sucesso na Vila Madalena. O segredo é colocar um cheirinho de azeite de dendê, que

perfuma e eleva o aroma quando a travessa chega à mesa.

Agora tenho tempo para ouvir música, ler, ver jogos e filmes na tevê ou no cinema e assistir a shows no Sesc. Todos os dias tomo remédio para o coração bater mais devagar, outro para afinar o sangue e um para baixar o colesterol, além de vitaminas e complexo de linhaça com óleo de peixe. Fora a dor nas costas, e de não gostar da curvatura que irremediavelmente se acentua — estou ficando corcunda —, até que estou em forma. O médico recomendou fazer pilates, mas sempre adio, preguiça pura.

De seis em seis meses vou ao cardiologista para examinar a aorta, que dilata assustadoramente, e ao urologista, para conferir se o câncer de próstata não voltou; a cirurgia deixou sequelas que superei com o tempo, a pior delas foi a falta de ereção. No último exame geral os médicos disseram que estou bem melhor nesse quesito. Agora dá para o gasto.

O que mais gosto na Mooca é de assistir às partidas do Juventus: o *Moleque Travesso* me lembra do América, meu time do coração, no tempo em que me dava muita alegria.

O estádio Conde Rodolfo Crespi — nome de um imigrante italiano, amigo de Mussolini, que fez fortuna no bairro com um enorme cotonifício — é acanhado, charmoso, tem capacidade para oito

mil torcedores e lugar importante na história do futebol brasileiro. Foi ali, em agosto de 1959, que Pelé marcou o mais belo dos seus 1282 gols, de acordo com ele mesmo, aplicando três chapéus em três zagueiros antes de encobrir o goleiro Mão de Onça. Santos 4, Juventus 2.

Fiz amizade com a turma que frequenta o estádio, não com gente da minha idade, mas com moços que poderiam ser meus filhos, ou até netos. Eles são divertidos, entusiasmados com o futebol distante das tais “arenas”. Estão em campanha permanente: *Ódio eterno ao futebol moderno!* Assino embaixo.

Gosto de ficar com eles. Visto uma linda camisa grená e me junto à moçada. As músicas que cantam são sacanas, espirituosas, fazem sucesso. Vem gente de longe para ouvi-los, no setor 2 do estádio, atrás de um dos gols. A música que mais curto é assim:

Olê, Juve! aqui está a sua gente/ que te empurra para a frentel pra te ver campeão/ Olá, grená, te sigo a todo lado/ eu sou operário/ da Mooca sim senhor.

Nos dias de jogo driblo a dieta: no intervalo me atraco com os cannolis do Antônio, doce siciliano com massa folhada, recheado com creme de baunilha ou chocolate. Depois do jogo passo na Esfiha Juventus e traço uma de queijo derretendo. Antes de voltar para casa, encosto no balcão da São

Pedro e mando ver um generoso pedaço de pizza de muçarela.

Volto empanturrado, mas feliz. São as delícias da Mooca!

Gostava de ir ao bar do Elídio nos fins de semana, jogar conversa fora enquanto me esbaldava com os petiscos. Ultimamente, com o ódio nas discussões, prefiro ficar em casa ou caminhar sozinho pelo bairro observando as pessoas, as casas, o comércio.

Ôrra, meu, eu sou da Mooca e Zé fini!

Acho que escolhi morar aqui porque lembra a Tijuca, bairro onde cresci. O Dudu, amigo beneditino carioca que morou em São Paulo, não concorda. Ele acha que o bairro de Santana, cercado pela serra da Cantareira, é o que mais se parece com a Tijuca, com toda aquela mata atlântica em volta. A Mooca, segundo ele, tem o jeitão do Méier, subúrbio onde nasci. Acho que ele deve ter razão!

A Mooca tem o Juventus, com um estádio ajeitadinho, um clube social que fervilha nos fins de semana, um sotaque especial, e eu prefiro.

Outra diversão que redescobri no bairro é jogar futebol de botão no barzinho do Antero, na Paes de Barros, a rua mais agitada do pedaço. Aos sábados um pessoal arma mesas oficiais para uma animada disputa.

Na minha época, fui craque no botão. Cheguei às semifinais dos Jogos Infantis, competição organizada pelo *Jornal dos Sports* que envolvia clubes e colégios, na categoria de onze a treze anos. Fui bom nisso e ainda me dou bem. O povo admira a leveza do meu toque. Jogo com botões vermelhos do América e uma escalação primorosa: Pompeia, Orlando (Jorge), Djalma Dias, Wilson Santos (Sebastião Leônidas) e Ivan; Amaro, João Carlos e Bráulio; Maneco, Edu e Luizinho (Alarcon), meus craques inesquecíveis. Antigamente meu botão craque era preto com listras vermelhas e se chamava Luiz, homenagem ao primo Luiz Orlando, que me deu os primeiros times de verdade, e não aqueles que as crianças ganham de presente de Natal, com botões iguaizinhos e sem personalidade. E os botões eram de tudo quanto é jeito e tamanho: coco, galalite, tampa de relógio, ficha de ônibus, feitos por nós mesmos, cada um de uma cor. Os maiores e mais pesados jogavam de zagueiros.

Verdade que hoje canso por ficar muito tempo em pé. Também não consigo me adaptar às novas regras e estou pensando em lançar a campanha *Ódio eterno ao futebol de botão moderno*. Assim como o futebol profissional está cheio de pode-isso-não-pode-aquilo, o futebol de botão também foi atingido. A começar pelo nome, para os federados não existe futebol de botão, e sim futebol de mesa.

Ora bolas, vão à merda!

Criam regras absurdas, como, por exemplo, não ter mais escanteios. Se o futebol de botão, faço questão de chamá-lo assim, foi criado para ser a brincadeira mais próxima do futebol de campo, as novas regras o afastam. Vira tiro ao alvo. O cara dá a saída, passa do meio de campo, dá um passe para um botão ao lado e chuta lá do meio da rua. Qual a graça que tem isso?

A graça na arte do botão é sair driblando, fazer tabelinhas, reproduzir ao máximo o que acontece nos gramados, mas os cartolas do botão não pensam assim. E a concorrência cruel com os jogos eletrônicos faz o futebol de botão minguar, mas mesmo assim há muito mais gente do que se imagina jogando botão pelo país afora. E não é só coisa de velho, não.

As discussões sobre as regras são um entrave. Tem gente que joga sem limite de toques, como eu, ou com no máximo três toques de cada botão, e por aí vai. Outro problema é a bola. Chegam ao cúmulo de jogar com dadinhos. Sai pra lá. Bola tem que ser redonda.

De vez em quando ligo para os filhos que moram aqui em São Paulo para marcar um almoço de fim de semana, coisa difícil de acontecer. Com o Breno porque é casado, e com João Carlos porque é solteiro. Procuo não ficar chateado. Quando a gente se encontra dá boas risadas. A gente se curte.

Tento escrever um conto, uma novela, mas desanimo logo nas primeiras linhas. Quero contar histórias, e o fôlego anda curto e preguiçoso, mas não vou desistir assim fácil. Um dia chego lá.

Telefone para algum ex-colega do *Voz da Moo-ca*, mas é um pessoal mais jovem com filhos pequenos, os programas não batem. Deixo pra lá.

Às vezes cruzo com o Zé Bigode, poeta, o melhor repórter do jornal, e desempregado desde que fechou. Tomamos umas cervejinhas, colocamos a conversa em dia. Zé Bigode é repórter das antigas. Fuçador, dono de precioso caderno de telefones — sim, caderno, para o caso de perder o celular. Coloca o jornalismo acima de tudo, coisa rara hoje em dia, e tem um texto primoroso.

Os amigos mais velhos andam morrendo, e eu, mais novo, sobrevivendo. Às vezes encontro uns três do tempo em que eu imperava nas redações para pôr a conversa em dia, mas a pauta não muda: desencanto com a profissão, preocupação com filhos e netos, doenças, frustração com a política...

Esquisitos esses nossos encontros, só um dos amigos ainda bebe, os outros estão proibidos.

Antigamente jornalista bebia que nem gambá! Quem não bebia nem fumava tinha de ser fora de série para ninguém olhar torto. Me nego a entrar em bar para tomar suquinho, vitamina, comer rosquinha... Ainda sou bom copo!

Mas os encontros estão rareando. Nos reunimos no meu apartamento de cinquenta e cinco me-